

TELEJORNAIS: UM EXERCÍCIO DE LEITURA CRÍTICA E CIDADANIA

Ivete Cardoso do Carmo ROLDÃO^º

RESUMO

É cada vez mais evidente a necessidade de que a sociedade entenda o funcionamento dos meios de comunicação para que possa ler de forma adequada as suas mensagens. Assim, esta pesquisa verifica em que medida diferentes grupos fazem a leitura dos telejornais. Trata-se de uma pesquisa ação, realizada com agentes pastorais da Igreja Católica e universitários. Por meio da técnica de grupos focais procura ampliar o conhecimento dos grupos para que identifiquem os diversos interesses das notícias. O objeto de análise foi o Jornal Nacional e o Jornal da Cultura.

Palavras-chave: televisão; telejornais; leitura crítica.

ABSTRACT

It is becoming more and more obvious that the society needs to understand how the means of communication work in

^ºProfessora de Telejornalismo da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas; participa do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política da mesma Universidade. Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP), Jornalista e Mestre em Educação (PUC-Campinas).

order to read the message correctly. Thus, this research checks how different groups read the TV news. It is a practice research, made with members of the Catholic Church and College students. using the focal group technique, it tries to enlarge groups knowledge so that they can identify the different interests in the news. Jornal Nacional (Globo TV) and Jornal da Cultura (Cultura TV) were the objects of study.

Key words: *television; TV news; critical reading.*

É imprescindível hoje que a sociedade entenda como a mídia funciona e saiba compreender o que se lê, se vê e se ouve nos meios de comunicação. Esse é um dos caminhos para a democratização da comunicação em nosso País, além das discussões e perspectivas de avanços de questões estruturais, como as políticas de concessão e a exigência de uma Lei Geral dos Meios Eletrônicos de Massa, que regulamentem de forma mais organizada o rádio e a TV.

A necessidade de a população ter uma visão crítica em relação aos conteúdos dos meios de comunicação é mais evidente quando se trata da televisão. A divisão das verbas do mercado publicitário entre diversas emissoras faz com que esse veículo busque a audiência, deixando de lado a preocupação com a qualidade da programação. Para se ter uma idéia, cada ponto de audiência perdido representava para a Rede Globo em 2000, cerca de R\$ 45 milhões a menos no faturamento (MATTOS, 2000). Por isso, as emissoras buscam todas as alternativas possíveis para obter audiência. No Brasil, essa busca significa, muitas vezes, rebaixar a qualidade.

Dentro dessa programação está o telejornalismo, que ganhou destaque nos últimos 30 anos. Mesmo assim, ocupa um espaço pequeno da grade das emissoras de TV em relação ao tempo destinado às telenovelas e outros programas de entretenimento. Todavia, o jornalismo transmitido pela televisão, de acordo com diversos estudos, é uma das principais fontes de informação de grande parte da população brasileira.

Assim, o conhecimento de como se desenvolve a produção do jornalismo na televisão precisa ser compreendido também pelos telespectadores. Mas apenas isso não basta. É preciso que eles tenham a dimensão das relações econômicas e políticas que envolvem o processo, já que uma grande parcela dos meios de comunicação possui relações com outros segmentos empresariais. A informação, mais do que nunca, é vista como “um negócio” e também é evidente a intrínseca relação dos empresários da comunicação com as decisões tomadas por aqueles que detêm o poder na política brasileira.

De acordo com Popper (1995):

não pode haver democracia se não submetemos a televisão a um controle, ou, para falar com mais precisão, a democracia não pode subsistir de uma forma duradoura enquanto o poder da televisão não for totalmente esclarecido (POPPER & CONDRY, 1995, p. 30).

Este conhecimento será o instrumento pelo qual diversos grupos, principalmente aqueles que constituem as classes politicamente dominadas, “passarão a intensificar sua postura crítica, sua análise de conteúdo e forma, diante dos órgãos de comunicação” (ABRAMO, 2003, p. 49).

É preciso deixar claro que, conforme afirma Moran (1991, p. 53):

não se trata de afastar as pessoas dos jornais e telejornais, mas de ajudá-los a perceber melhor o contexto da informação, alguns mecanismos internos da informação como indústria e produto, despertando nelas a necessidade de comparar as notícias, sem deixar se levar pela primeira fonte.

Nesse contexto, desenvolvemos uma pesquisa ação que procurou verificar de que forma integrantes de diferentes grupos sociais fazem a leitura dos conteúdos recebidos pelos telejornais, além de auxiliá-los em ter uma visão mais crítica da TV. O objetivo também é de contribuir no campo da Educomunicação, reconhecido pelo Fórum sobre Mídia e Educação, promovido pelo Ministério da Educação, em 1999:

... reconhecemos a inter-relação entre comunicação e educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando

que a informação é um fator fundamental para a educação (MEC, 2000, p. 24).

Foram formados dois grupos para a realização desta pesquisa ação. O primeiro constituído por dez alunos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP, e o segundo por oito agentes pastorais da igreja católica da mesma cidade. Escolhemos como objeto para análise dois telejornais de horário nobre: Jornal Nacional (Rede Globo) e Jornal da Cultura (TV Cultura). Durante os encontros foi desenvolvida a técnica de grupos focais [1], que permite trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes. Assim eles podem apresentar e debater suas impressões sobre o tema em curso a partir de um roteiro organizado, possibilitando o aprofundamento das informações.

No primeiro, dos dez encontros, foi realizada a identificação do perfil dos participantes e os membros opinaram sobre a programação da TV brasileira. No segundo e terceiro encontros, também foi utilizada a técnica de grupos focais. Dessa vez para a análise mais dirigida dos dois telejornais.

Do quarto ao sétimo encontro foi realizada uma intervenção pedagógica que permitiu ao grupo a aquisição de conhecimento sobre as técnicas utilizadas para produção dos telejornais e o debate sobre as questões pertinentes ao tema, como: a TV no Brasil: da Tupi à supremacia da Globo; painel da política de concessões (do governo Militar ao governo Lula); o que é jornalismo na televisão; a informação vista como um negócio; a equipe de telejornalismo e suas rotinas de produção; a espetacularização da notícia; a (re)estruturação da reportagem: os critérios na escolha de textos e imagens; o “poder” dos repórteres e apresentadores e dos telejornais.

A utilização da técnica de grupos focais foi repetida no oitavo e nono encontros, porém com um roteiro prévio de análise. No décimo, foi feita a avaliação final pelo grupo.

A TELEVISÃO VISTA PELOS INTEGRANTES DOS GRUPOS

O perfil dos integrantes dos dois grupos demonstra que eles estão no quadro geral da sociedade brasileira, confirmando a constatação de

diversas pesquisas de que a televisão é a principal fonte de informação para a maioria da população. O que mais assistem na TV são os telejornais, gênero citado por quase todos os componentes do grupo (15), seguido pelos documentários, filmes/séries e novelas, com quatro citações cada. Os telejornais que mais assistem são o Jornal Nacional, citado 11 vezes; seguido pelo Jornal da Globo, citado oito vezes. O Jornal Regional (EPTV Campinas/Globo) e Jornal da Cultura foram citados sete vezes. Uma parcela deles (sete) dificilmente lê jornais; cinco lêem um ou mais jornais alguns dias da semana; três lêem um jornal todos os dias e dois afirmaram ler mais que um jornal todos os dias.

Entretanto, quando perguntado aos participantes, sobre que os atraiu para o grupo, as respostas demonstram que, embora se informem prioritariamente pela TV, já havia da parte deles uma atenção especial para com a comunicação e/ou a televisão, principalmente entre aqueles que trabalham com comunidades:

Cláudia: Acho que não tem como a gente trabalhar com uma comunidade, para que ela se emancipe, se eu não tenho uma consciência crítica, e sei que eu tenho que melhorar muito meu nível crítico. (G. Universitários)

Marta: uma coisa que eu falei hoje na reunião das mulheres é que a nossa era é a era da informação, só que muitas vezes são informações que não são exatas, que chegam ao conhecimento da gente, assim, já deturpadas... (G. Agentes Pastorais)

No grupo de estudantes universitários, no primeiro encontro, quando foi realizado um debate sobre o que eles acham da televisão, foi possível observar referências significativas, como: não mostra causas, conseqüências e/ou soluções; fragmentação; superficialidade; banalização; bombardeio de informações, etc. No grupo de agentes pastorais, a falta de caráter social no telejornalismo; a inversão de valores, muitas vezes não se distinguindo o que é ficção ou realidade, foram algumas das questões negativas abordadas.

João: As pessoas assistem novelas, que são ficção e choram. As pessoas vêem uma tragédia no jornal e falam graças a Deus não foi comigo. Eu acho essa coisa das pessoas gostarem de ver tragédia diminui um pouco

a sua própria tragédia pessoal, a sua condição de vida. Elas se sentem um pouco melhores, mais consoladas. (G. Agentes Pastorais)

A violência e o sensacionalismo na televisão são questões que vêm merecendo destaque nas discussões, inclusive entre a classe política brasileira [2] e o fato de os telejornais darem prioridade para o lado negativo dos acontecimentos, deixando de lado os fatos positivos e questões culturais foram mais abordadas pelo grupo de agentes pastorais. No grupo de estudantes universitários a discussão ficou mais voltada para a alienação e a falta de interesse da televisão em aprofundar as questões políticas e econômicas. A linha de construção do debate nesse grupo voltou-se mais para a questão ideológica:

Douglas: Eu retomo o que a gente já começou a falar, sobre o uso da questão ideológica. ... Eu lembro da questão, não é muito do meu tempo, mas a questão do Collor, quando houve um impeachment. A própria Rede Globo, através dos telejornais e de outros meios, até de novela. ... Então não sei, eu acho que eles se aproveitam dos momentos e utilizam isso a favor deles. Uso ideológico.

A idéia de que a TV influencia a sociedade é compartilhada pelos membros dos dois grupos. A discussão se dá, no entanto, sobre os diferentes aspectos em que ela ocorre:

Marialba: Eu acho que a gente está caminhando para ter uma babá eletrônica. Senta a criança na frente da televisão e fala: fica quietinha aí que a mamãe já volta. ... Ela vai crescer um adulto que só vai assistir televisão. (G. Universitários)

Henrique: Na religião, antes tinha uma influência muito maior. Antes, as pessoas se aconselhavam com o líder religioso. Hoje é o líder midiático. (G. Universitários)

João: A escola discute muitas vezes família e igreja. Igreja, discute às vezes família e escola. A família, algumas, acompanha a escola, acompanha a igreja. Mas é a televisão que falta. Nenhuma das três entidades, escola, igreja e família tem como base fazer um contraponto com a televisão. As famílias não discutem a TV, as escolas não fazem o

uso de crítico da TV e a igreja usa a TV de outras formas. Acho que falta um movimento contrário. (G. Agentes Pastorais)

Quando solicitados que contassem se eles próprios ou a comunidade da qual participam já haviam vivenciado alguma situação que posteriormente tivesse virado notícia na televisão, duas histórias, contadas no grupo de universitários, apresentam situações completamente diferentes, mas que demonstram o quanto uma notícia pode ser distorcida, de acordo com a gravação, redação e, principalmente, a edição. A primeira foi sobre uma passeata da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), da qual participou um aluno de Ciências Sociais:

... A gente chegou lá, os policiais todos tiraram a identificação e nós saímos da Paulista, o chefe da polícia de São Paulo chegou para gente e disse: "Olha eu vou garantir a segurança, não vai acontecer nada, vocês podem fazer a passeata e voltam para as suas casas." No meio do caminho, tropa de choque, todos sem identificação, batendo. Ali tinha gente de doze anos, [...] até gente mais velha. Um monte de Ong, era sociedade civil mesmo. Eles meteram o cacete e daí quando eu fui ver na Globo e em outro que eu não me lembro mais: "BADERNA NA AVENIDA PAULISTA". Não falam quem bateu primeiro, como começou o negócio.

A segunda foi sobre os 100 anos do Seminário de Aparecida, onde um aluno de filosofia era seminarista:

Quando o Seminário de Aparecida completou cem anos, a Rede Globo foi fazer uma matéria. [...] Ela gravou o que cada um falou. E ela insistiu nessa questão: "Mas o sexo, como vocês trabalham isso?" Ai teve um corajoso que disse: "Isso não é uma questão muito clara para a gente. É uma questão de você arrumar meios para sei lá, válvula de escape. Infelizmente ele usou esse termo." ... E aí, o que ela fez? No horário da oração ela pegava um trequinho da fala de cada um. Por exemplo, eu lembro que eu falei que era cansativo, levantar quatro horas da manhã. Ela usou isso: Olha acordar de manhã, até os padres não gostam. Daí ela colocou a minha fala, mas ela só colocou isso, não colocou o que eu disse depois. Pois o que é cansativo é um ideal, o cansaço se transforma em prazer, enfim. ... Aí chegou nessa parte do afetivo, do sexual. Daí ela pergunta, como vocês se relacionam, como que é conviver com trinta,

quarenta e sete homens. Ai ela usa da fala do cara lá: É uma válvula de escape, você tem vontade de manter relação, de transar, só que você vai jogar bola para ... Quer dizer, ela pegou uma fala que era lá do esporte e colocou aqui. Ela catou um recorte. Então eu passei por isso e é muito chato.

Mesmo sem conhecer profundamente as técnicas jornalísticas, os depoimentos confirmaram o que já foi demonstrado por diversos autores, entre eles Pereira Jr. (2000, p. 12): “é na edição do telejornal que o mundo é recontextualizado”. E nos casos narrados por esses dois universitários, com um grau de distorção acentuado.

A DESCONSTRUÇÃO DOS TELEJORNAIS

Para que fosse realizada a análise do Jornal Nacional e Jornal da Cultura [3], foi feita a gravação dos mesmos, bem como o espelho [4] de cada telejornal, com as notícias transmitidas nessas edições. Foram analisadas antes da intervenção pedagógica, reportagens sobre: a CPI dos Bingos; o pagamento de parcela ao FMI feito pela Argentina e a greve de Policiais Federais entre outros. A seguir será descrita a análise feita da cobertura da CPI dos Bingos, notícia escolhida entre as veiculadas nos telejornais do dia 02 de março de 2004.

A CPI DOS BINGOS [5] VISTA PELOS UNIVERSITÁRIOS E AGENTES PASTORAIS

O JN concentrou o assunto no primeiro bloco apresentando três reportagens, já o JC dividiu o assunto. No primeiro bloco apresentou uma reportagem, seguida por um comentário do apresentador Heródoto Barbeiro. No terceiro bloco o JC apresentou duas notas que tinham relação com o assunto; mais uma reportagem e ainda uma entrevista com o Secretário da Segurança do Paraná sobre o tema.

Após os universitários assistirem ao bloco do JN que apresentou a cobertura da CPI dos Bingos, chama atenção o fato de alguns membros do

grupo falarem com propriedade sobre a edição. Alguns deles consideraram ter havido uma defesa do Ministro da Casa Civil, José Dirceu.

Gustavo: Essa coisa que eles resumiram em cinco minutos, deve ter levado umas duas horas. Então o que eles fizeram? Eles fizeram um compacto e privilegiaram a defesa do ministro que estava sendo acusado que era o Zé Dirceu.

Depois de assistirem ao JC, houve discordância na comparação entre a cobertura que os dois telejornais fizeram do assunto neste dia:

Gustavo: Acho que as reportagens foram praticamente, foram parelhas as duas.

Henrique: Eu não concordo que o da Cultura seguiu a mesma linha. Porque na hora que apresentou a matéria, ele falou o governo está maquiando, tá tentando encobrir a CPI.

Fernanda: Eu concordo com o Henrique.[...] eu acho que nisso, ele (JC) já foi imparcial, muito mais imparcial que o JN.

Os universitários questionam também o JN pelo fato de ser uma cobertura rápida e superficial, enquanto o JC, na opinião de diversos membros do grupo, proporciona, além da informação, a reflexão e a aquisição de conhecimento.

Ricardo: A Globo vai jogando informação, mas ela não deixa um tempo para que a gente faça uma leitura daquela situação para ganhar conhecimento. A Cultura leva você a refletir. Porque o jogo do bicho não é lícito, porque a raspadinha é lícita?

Gilberto: A Cultura deixa mais informado para você pensar depois.

Douglas: Eu acho que a diferença é muito grande, até mesmo pelo cenário. A maneira que os jornalistas conduzem a notícia.

Marialba: A Globo não dá este espaço para pensar. A Cultura já dá esse espaço, quando você faz uma entrevista com alguém, você pensa depois

sobre a entrevista, você pensa sobre o que a pessoa falou.

É interessante observar como o grupo de agentes pastorais fez uma leitura diferente, analisando o enfoque do JN, que se preocupou em relacionar a denúncia do senador com as alterações do mercado financeiro e o JC que ficou mais centrado na CPI dos bingos.

José Alberto: A Globo se preocupou em mostrar que essa denúncia provocou uma alteração no mercado de ações. Já a Cultura não se preocupou com isso, mas já enfocou a questão dos bingos.

Também apareceu no grupo de agentes pastorais a idéia de que o JN é mais governista, embora não tenha sido com tanta intensidade como no grupo de universitários.

Cristiane: O JN colocou que o Mercadante tem 24 anos de luta. O JC já colocou a falsidade das coisas. ... Eu anotei aqui que são cinco ou seis senadores que ela coloca contra as acusações. O JC são só três.

André: Eu acho que mais uma vez você tem uma porcentagem governista, é uma pena isso acontecer, mas, mais uma vez é o JN.

A maioria dos membros do grupo de agentes pastorais considera que foi mais fácil compreender o tema através do JC e critica o formato mais sensacionalista do JN:

Carolina: Eu acho que a Cultura usou uma linguagem mais fácil. Eu entenderia melhor pela Cultura do que pela Globo, até as imagens que eles utilizaram eu achei muito mais fácil.

José Alberto: É uma adrenalina atrás da outra. Depois o JC, o jeito "light" que ele fala, você vai entendendo a notícia, absorvendo. O outro (JN), você vai criando uma expectativa, para depois vir fazer o desfecho.

O exercício de leitura dos telejornais proporcionou também a discussão sobre a forma como eles apresentaram os diversos assuntos analisados, a abordagem de temas relacionados direta ou indiretamente às

reportagens: se foi correta ou não a greve dos policiais federais; a forma como o governo tratou o problema dos bingos; a questão religiosa que envolve o Haiti; o risco Brasil; a localização de Brasília e como repassar a discussão da comunicação para outras pessoas que envolvem seus círculos de convivência.

Ao final dessa primeira fase foi possível perceber que, em sua maioria, os membros dos dois grupos já tinham uma visão crítica do telejornalismo. Mas, poucas vezes foram feitas observações que indicassem um conhecimento das questões técnicas ou da lógica de construção dos telejornais.

A COMPREENSÃO DEPOIS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Depois da intervenção pedagógica, no oitavo e nono encontros foi utilizada também a técnica de grupos focais, porém com um roteiro prévio de análise, nos quais foi pedido que os participantes prestassem atenção em alguns pontos considerados importantes para a compreensão dos telejornais.

A prisão de Celso Pitta

Na análise dos telejornais do dia 04 de maio de 2004, o objetivo foi verificar se os grupos perceberam os detalhes da construção da reportagem, desde onde vem uma pauta, como é elaborada até a edição final. Nesse dia, a reportagem escolhida foi sobre a prisão do ex-prefeito de São Paulo, Celso Pitta, detido porque teria desacatado uma autoridade durante sessão da Comissão Parlamentar de Inquérito que investigava o escândalo do Banestado.

As reportagens tanto do JN como do JC têm três minutos e cinco segundos. A diferença é que a TV Cultura apresenta também um comentário. Deve-se levar em consideração que uma reportagem de três minutos é um tempo normal para a JC. Mas não para o JN, já que neste telejornal as matérias têm em média 1 minuto e meio. Depois de analisarem a cobertura da prisão do ex-prefeito em cada um dos telejornais, os universitários fizeram a comparação.

O que foi possível perceber é que, como Celso Pitta é um político polêmico e antipático ao grupo, a maioria aprovou as reportagens, mesmo considerando que ambos os telejornais utilizaram termos e sonoridades que poderiam ser negativas para o ex-prefeito. No caso do JN, eles justificam até certo sensacionalismo apresentado na reportagem[6].

Alexandre: Uma coisa que fizeram no JN, que deu um tempo legal, foi o questionamento do Antero Paes, a resposta do Pitta, a reação e o bate-boca. Você vê que demora, dá pelo menos uns 40 segundos. E não é uma coisa sem corte, é inteiro.

Gustavo:... o pessoal fez sensacionalismo, mas o objetivo é importante. São coisas que têm relevância e têm mudança prática se isso for combatido, a corrupção, no caso.

Ricardo: A discussão dos dois, eu também achei que foi desfavorável ao Pitta. E por que isso? Em função de eles quererem que o Pitta seja desmerecido, colocam o bate-boca.

A afirmação da apresentadora do JN de que Celso Pitta insultou o presidente da CPI causou polêmica entre os membros do grupo.

Gustavo: Eu achei que o Pitta ofendeu, porque ele estava perguntando sobre os assuntos políticos da CPI e o Pitta foi perguntar da mulher dele.

Cláudia: Você acha que insultou, todo mundo acha que insultou. Para o advogado isso não foi um insulto. Não cabe à apresentadora colocar o insulto, acho que podia ter colocado como você falou "se sentiu insultado e deu voz de prisão." E depois quem assiste vê o que acha.

A reportagem que abordou a prisão do ex-prefeito, Celso Pitta, causou bastante discussão, também, entre os agentes pastorais. No JN, tanto o texto da chamada da reportagem como o primeiro off, apresentaram diversos termos que foram questionados pelo grupo.

André: Na hora que a Fátima Bernardes fala do 'insultar', ela está num tom de voz normal, de repente ela fala "insultar", dá aquela impressão maior.

Telejornais: um exercício de leitura crítica e cidadania

Cristiane: Foi preso por desacato. ... Acho que ela estaria repetindo a palavra do senador. Diria "foi preso sob acusação de desacato"... Quando diz que foi um insulto, ela diz também "o escândalo do Banestado", ela está chamando a atenção, é sensacionalista.

Já o fato de o JN apresentar, praticamente na íntegra, a discussão entre o presidente da CPI e o ex-prefeito, também foi considerado normal pelos agentes pastorais.

Marta: Eu achei que ela fez uma explicação do que estava acontecendo e do que procedeu.

João: Sobe som fica mais contundente do que fazer uma sonora com os dois a respeito, para exemplificar o que aconteceu.

Depois de assistirem às duas reportagens sobre o mesmo tema, os agentes pastorais fizeram a comparação e consideraram a reportagem do JC melhor estruturada e menos sensacionalista, apesar das críticas:

André: Queria chamar a atenção para a questão do sensacionalismo. [...] a gente vai perceber que nas falas, no bate-boca, existe muito menos bate-boca entre os dois na Cultura.

Cristiane: Eu reparei também na posição das âncoras, porque elas deram mais ou menos a mesma informação. Agora, a Fátima Bernardes coloca uma tensão maior para a coisa. É a mesma coisa com as repórteres, elas fazem a sonora na frente da Polícia Federal falando do crime e das punições, mas na Cultura tem uma expressão mais tranqüila.

Carolina: Acho que a Cultura amenizou [...] Tem a repórter explicando o que foi o desacato, o que pode acontecer, tal. Achei que foi bem melhor a reportagem.

Observamos que este grupo teve mais dificuldade em analisar as reportagens levando em consideração as técnicas estudadas durante a intervenção pedagógica. Mesmo assim é possível detectar maior intimidade com alguns termos utilizados. Além disso, fica evidente, na reportagem sobre o ex-prefeito Celso Pitta, que o grupo de agentes pastorais é mais

crítico ao sensacionalismo do JN do que o grupo de universitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cláudia: Se você assiste todo dia ao mesmo telejornal, você começa a ver o mundo da maneira que a pessoa que faz o telejornal está vendo. Se você só vê aquilo, a sua visão de mundo vai ser aquilo que você viu pela TV. (G. Universitários)

João: As pessoas assistem novelas, que são ficção e choram. As pessoas vêem uma tragédia no jornal e falam graças a Deus não foi comigo. Eu acho essa coisa das pessoas gostarem de ver tragédia, é um pouco assim, diminui um pouco a sua própria tragédia pessoal, sua própria limitação, a sua condição de vida. (G. Agentes Pastorais)

Depoimentos como esses ilustram a constatação de que os membros dos dois grupos, de forma geral, já tinham alguma possibilidade de elaboração crítica em relação à televisão. A visão apresentada sobre a qualidade da programação da televisão demonstra que eles têm consciência da alienação preponderante principalmente nas novelas e programas de entretenimento, do sensacionalismo e da violência, aliados à fragmentação e à superficialidade do telejornalismo. Embora tenham sido raros os depoimentos em referência às relações políticas que envolvem toda a estrutura dos meios de comunicação, principalmente a televisão. Foi possível detectar também que a compreensão mais ampla da informação - com um grau de conhecimento que requer que o telespectador seja capaz de questionar possíveis estratégias da mídia - era privilégio de poucos nos dois grupos.

Pelas falas que se desenrolaram durante o diálogo, sobre como a televisão, em especial os telejornais, mostra a realidade e a influência da TV na sociedade, foi possível perceber uma riqueza de visões que ora se completavam e ora se contrapunham. Como já era previsto nem sempre houve consenso, assim, os pontos de vista foram expostos e debatidos, fazendo com que as opiniões individuais fossem um instrumento de aprendizado para o coletivo.

Fica evidente que as pessoas que participaram dos grupos já

tenham uma visão, que pode ser considerada crítica, da televisão, seja pelo conhecimento adquirido na escola (em menor grau) ou pela participação em atividades na igreja ou nos movimentos sociais (em maior grau). O que procuramos desenvolver no trabalho realizado com os dois grupos foi embasar esses conhecimentos, reforçando, assim, a necessidade e o hábito de fazer a leitura dos meios, como eles próprios explicitaram em seus depoimentos durante a avaliação:

Ricardo: A partir desse projeto produzi a capacidade de centralizar o contexto ... por exemplo, numa reportagem, olhar as peculiaridades que têm, coisas que podem muitas vezes passar batido. (G. Universitários)

Carolina: Eu aprendi a ver com uma visão mais crítica, eu já tinha essa visão da Faculdade. Eu aprendi assistir não só um telejornal, mas outro, de outra emissora. (G. Agentes Pastorais)

É importante salientar alguns equívocos detectados durante essa experiência que servirão para reflexão e aprendizado. Foi vivenciada uma dificuldade muito grande na constituição dos grupos. Assim, qualquer projeto de leitura dos meios de comunicação deve ser feito com pessoas a partir do local de origem. Parafraseando Milton Nascimento e Fernando Brant, “o pesquisador deve ir onde o grupo está”. Ou seja, procurar um espaço em locais onde já costumam se reunir, como na escola, na igreja, na associação de moradores, etc. Foi possível observar que quando é necessário se deslocar para um local específico e um determinado horário para aquela atividade, as condições adversas podem reduzir o interesse.

Outra questão que considero importante salientar é, no caso desta pesquisa, a escolha dos dois telejornais se deu de acordo com critérios já explicitados. Entretanto, pôde ser observado que para trabalhos futuros, a decisão sobre o que será analisado deve ser tomada em conjunto com o grupo, a partir do que o mesmo já assiste cotidianamente, pois assim haverá uma análise mais completa do programa e não apenas das edições examinadas.

No que se refere à formação do grupo, o critério deve ser não só o nível de escolaridade, mas também o interesse comum: política, economia ou outras questões sociais, para que haja uma identidade entre

os componentes.

Como ponto positivo, detectamos a busca crescente pelos debates e os conhecimentos adquiridos e, principalmente, pelas atividades práticas com utilização de telejornais. Aliás, é importante reforçar que a comparação de dois produtos semelhantes, - no caso, dois telejornais de rede veiculados em horário nobre, - teve uma repercussão extremamente positiva nos dois grupos, como pode ser observado nestes depoimentos dos universitários:

Douglas: Eu acho que a diferença é muito grande, até mesmo pelo cenário. A maneira que os jornalistas conduzem a notícia.

Marialba: A Globo não dá este espaço para pensar. A Cultura já dá esse espaço, quando você faz uma entrevista com alguém, você pensa depois sobre a entrevista, você pensa sobre o que a pessoa falou.

É necessário ter claro que esta é apenas uma forma de se fazer a leitura de um produto específico da televisão. Diversos pesquisadores têm se debruçado sobre essa questão e apresentam propostas diversas. A visão que aqui se apresenta reforça a idéia de que o viés político e econômico é de fundamental importância na construção e na leitura de qualquer programa de TV.

Esperamos que esta experiência sirva como um instrumento de construção de cidadania para os participantes da pesquisa e que seus resultados sejam repercutidos entre outros grupos, seja pela igreja ou de quaisquer outras formas de organização social. Entretanto, acreditamos que o ambiente mais propício para o desenvolvimento de projetos com essa temática seja a escola.

Assim, em uma expectativa mais ampla, defendemos que seja colocada em prática a possibilidade de que a Comunicação seja debatida nos currículos escolares, tanto do ensino fundamental e médio, como também em outros cursos universitários. A nova LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (Lei nº 9394/96), garantiu liberdade para a introdução da educação para a comunicação nos currículos.

Contudo, segundo Soares (2002, p. 24):

Apesar da boa vontade da lei, permanece a dificuldade decorrente da falta de preparo dos docentes, levando em conta que as Faculdades de Educação ainda desconhecem o tema, o que leva os planejadores educacionais a desconsiderarem o assunto.

Dentro desse contexto, acreditamos que este trabalho, junto com outros que estão sendo desenvolvidos em diversos cantos de nosso país, poderá contribuir para colocar a Educomunicação em destaque. Trabalho necessário e importante na atualidade. Afinal, como afirma Citelli (2000, p. 36):

O desafio da escola parece ser, cada vez mais, o de apreender analítica e criticamente o que diz televisão, o rádio, o jornal, etc. Posto de outro modo, se a escola deve melhorar seus jogos interlocutivos com os meios, precisa fazê-los, não só para estar em sintonia modernizante com o novo, com o sedutor, mas também para tensionar e desestabilizar, quando necessário, um tipo de mensagem da qual não se exclui o elemento do espetáculo e da manipulação.

NOTAS

- [1] Para saber mais sobre a técnica de grupos focais, consultar: CRUZ NETO, Otávio et al. "Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação" In: *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto: 2002.
- [2] Reportagem publicada pela Revista Carta Capital nº 315, de 03 de novembro de 2004, mostra como ações do Ministério Público e Campanha Pública da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados reforçam a pressão sobre programas apelativos.
- [3] Na análise dos telejornais eles são citados como JN - Jornal Nacional e JC - Jornal da Cultura.
- [4] Espelho trata-se de um termo do telejornalismo que significa uma página de rosto em que se coloca o tema e o tempo de cada reportagem dos telejornais, bem como o tempo total do mesmo.
- [5] A CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito foi instalada na Câmara dos Deputados para apurar possível envolvimento de um assessor do então ministro da Casa Civil, José Dirceu com irregularidades nessas casas de apostas.
- [6] In: Jornal Nacional, Rede Globo, em 04/05/2004: "Senador Antero Paes de Barros - Pres. da CPI: É impossível deixar de estabelecer relações entre a existência de contas no exterior em seu nome e os cargos que vossa senhoria ocupou na administração pública

paulista e as denúncias de corrupção que pairam sobre a execução de obras públicas na cidade de São Paulo.

Celso Pitta: Eu mantenho silêncio em relação a essa questão.

Senador: Seu eu lhe indagar que vossa senhoria vê essas afirmações como sendo informações que vossa senhoria é corrupto, vossa senhoria mantém o silêncio também.

Celso Pitta: Se eu indagasse a vossa excelência se o senhor continua batendo na sua mulher, como é que o senhor responderia?

Senador: Eu exijo respeito de vossa excelência!

Celso Pitta: Eu também, eu também porque estou aqui na condição de depoente e não na condição de pessoa para sofrer um tipo de acusação tão grave como vossa excelência está colocando para mim.

Senador: Eu não bato na mulher e nem sou assaltante de cofres públicos."

REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. *Padrões de manipulação da grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

CITELLI, A. O. "Meios de Comunicação e Práticas Escolares". In: *Revista Comunicação & Educação* n. 17, p. 31-42, São Paulo: ECA/USP, 2000.

MATTOS, S. *A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)*. Salvador: Ianamá, 2000.

Ministério da Educação. *Mídia & Educação. Perspectivas para a qualidade de informação, recomendações*. Brasília: MEC, 2000.

MORAN, J. M. *Como ver televisão*. São Paulo: Paulinas, 1991.

PEREIRA JR., A. E.V. *Decidindo o que é notícia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

POPPER, K. & CONDRY, J. *Televisão: um perigo para a democracia*. Lisboa (Portugal): Gradiva, 1995.

SOARES, I. de O. "Gestão Comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação". In: *Revista Comunicação & Educação* n. 23, p. 16-25, São Paulo: ECA/USP, 2002.